

A ARTE DE VIAJAR NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES

Ana Maria Lisboa de Mello

RESUMO: *Cet article analyse l'importance du voyage dans la production littéraire, notamment lyrique, de Cecília Meireles. Les poèmes inspirés des voyages faits à l'étranger par l'auteur montrent que les lieux de mémoire évoquent des reminiscences inouïes dans l'âme de la voyageuse, permettent des réflexions sur la condition humaine et conduisent à des transformations intimes.*

PALAVRAS-CHAVE: *Viagem, memória, aprendizagem, poesia, Cecília Meireles*

*– A arte de viajar é uma arte de admirar; uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre
Cecília Meireles*

Ana Maria Lisboa de Mello é professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A epígrafe selecionada revela a importância da viagem na vida e obra de Cecília Meireles, cujas jornadas inspiraram explicitamente a criação de *Doze noturnos de Holanda* (1952), *Poemas escritos na Índia* (1953-1956), os textos reunidos sob o título “Poemas de viagem” (1940-62), em *Poesia Completa* (Nova Aguilar, 1993), *Crônicas de Viagem* (1941-1964)¹, *Poemas italianos* (1968). Implicitamente, o tema da viagem tem um lugar especial e constante no imaginário da autora, associando-se inclusive à idéia de morte – derradeira viagem na direção do Absoluto, conforme já observamos em outros trabalhos. (Cf. MELLO, 2002) Interessamos agora refletir sobre a repercussão das viagens realizadas pela escritora na sua produção lírica.

Em entrevistas, Cecília Meireles revela que a sua avó açoriana exerceu uma grande influência sobre ela e despertou o seu interesse por outros povos, sobretudo o de Açores e da Índia. (MEIRELES, *apud* BLOCH, 1974) Por outro lado, a biografia de Cecília Meireles revela-nos a importância que as viagens tiveram em sua vida, desde a primeira visita a Portugal², em 1934, quando conheceu escritores e artistas portugueses, até as empreendidas posteriormente em outros países do continente europeu, no Oriente Médio, na Índia e nos Estados Unidos. Aproximando-nos dos textos cecilianos que tratam de espaços percorridos em viagens, logo perceberemos que a antiguidade dos lugares visitados ganha um brilho especial nas reflexões sobre a história dos homens que viveram e construíram nesses locais visitados. Cada viagem realizada deixa uma “lembrança amorável” que não se dissipa mais. Na continuidade da epígrafe deste texto, diz a autora:

[A arte de viajar] é estar constantemente emocionado, e nem sempre alegre, mas, ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento.
(...) As torres de San Gimignano podem desaparecer, e o palácio em que Dante falou, e o pátio onde Giuseppe derramou sua voz poderosa, e onde as senhoras e as crianças se enterneceram com sua evocação do passado. Pode desaparecer o moço melancólico e suave, que nos desejou boa viagem com um gesto de delicada simpatia. Pode o sol esconder-se nas colinas mansas, de veludo dourado e verde. *Viaja conosco uma lembrança amorável, que conserva suas cores na sombra da noite e suas vozes no silêncio que desce.* (MEIRELES, 1999a, p. 61, grifamos)

¹Estas crônicas foram publicadas em três volumes pela Editora Nova Fronteira, na coleção Obra em prosa de Cecília Meireles.

²Leila V.B.Gouvêa recupera a história desses contatos com os portugueses no livro *Cecília em Portugal*. SP, Iluminuras, 2001.

Essa “lembrança”, que não se dissipa porque passou pela alma, remete ao conceito de “recordação”, proposto por Emil Staiger ao caracterizar o estilo lírico, segundo o qual o passado se presentifica no texto lírico, trazendo consigo a carga emotiva da experiência passada. (Cf. STAIGER, 1976). Pierre Nora, por sua vez, faz a distinção entre memória e história, para assinalar a vivacidade da primeira, em contraste com o caráter de “reconstrução, sempre incompleta, daquilo que não existe mais” da segunda. (NORA, 1997, p. 25). Para esse autor a memória “é um fenômeno sempre atual, um liame vivenciado no eterno presente”, enquanto a história é uma representação do passado. (NORA, 1997, p. 25) É essa memória viva, simbólica, sensível a imagens, a seres e a objetos nos espaços que constitui o elo ininterrupto e significativo com o passado.

Para Cecília Meireles, cada lugar visitado encerra uma surpresa e ensina um modo diferente de ver homens e coisas, de forma que considera a viagem um “alongamento de horizonte humano”. (MEIRELES, *apud* BLOCH, p. 37). É, ao mesmo tempo uma experiência intransferível. A viagem à Holanda suscitou uma sensação de familiaridade com os flamengos e possibilitou a criação dos *Doze noturnos de Holanda*. Sobre essa viagem, eis o que declara a autora: “A Holanda me faz desconfiar de que devo ter parentes antigos flamengos. Na capital, a “viajante” sente um grande estranhamento: “Em Amsterdã passei quinze dias sem dormir. Me dava a impressão de que não estava num mundo de gente. Parecia que eu vivia dentro de gravuras” (MEIRELES, *apud* BLOCH, p. 37).

Nos textos de Cecília Meireles, que tratam de reflexões sobre itinerários a espaços citadinos estrangeiros, identifica-se a relação que James Hillman estabelece entre cidade e alma, entendendo a segunda como a parte reflexiva, profunda e emotiva do ser humano. O autor observa que, na cidade, os espelhos e os vidros associam-se à idéia de reflexão da alma, mas também ao seu narcisismo; as ruelas e becos, à idéia de profundidade e mistério. Essas vielas, “curvando-se e dobrando-se, são um dos modos de intensificar e de adicionar uma dimensão profunda”, considera o autor. O terceiro aspecto importante da alma, ativado pelo andar na cidade, é a “memória emotiva”, através da qual o autor salienta as relações entre a história e as cidades:

Uma terceira idéia tradicional de alma tem a ver com a memória emotiva. Experiências emocionais: coisas que importaram para você em sua própria vida; coisa importante para a comunidade, sua história. (...) As cidades antigas foram originalmente construídas sobre o túmulo ou a sepultura do fundador da família, do clã ou da cidade. E assim encontramos as memórias dos heróis locais nos nomes dos lugares, que são um tributo às emoções que aconteceram no passado e sobre os quais foi fundada a cidade. *A cidade, então, é uma história*

*que se conta para nós à medida que caminhamos por ela. Significa alguma coisa, ela ecoa com a profundidade do passado. (...) Também nos chama a atenção para a alma a experiência emocional da tragédia. A cidade como um *memento mori*, com lugares que nos lembram a morte. Lembranças de episódios específicos lembram-nos da mortalidade da vida de forma que as cidades possuem cemitérios dentro delas. (HILLMAN, 1993, p. 39, grifamos)*

Essa ressonância do passado surge em poemas cecilianos que revelam impressões de viagem, sobretudo a respeito de lugares cuja antiguidade provoca uma reflexão sobre os itinerários e o fazer humanos desde séculos. Essa é a idéia contida nas duas primeiras estrofes do poema “Via Appia”, a antiga estrada romana, do livro *Poemas Italianos*:

Pedras não piso, apenas;
- mas as próprias mãos que aqui as colocaram
o suor das frentes e as antigas palavras.

Ruínas não vejo, apenas:
- mas os mortos que aqui foram guardados,
com suas coragens e seus medos da vida e da morte.
(MEIRELES, 1994, p. 1367)

Nas duas últimas estrofes, o eu poético sente-se participante da história entrevista nas ruínas, momento que se vê enredado e tocado por aquela história e reflete sobre a sua própria efemeridade:

Viver não vivo, apenas:
- mas de amor envolvo esta brisa e esta poeira,
eu também futura poeira noutra brisa.

Pois não sou esta, apenas:
-mas a de cada instante humano,
em todos os tempos que passaram. E até quando?”
(MEIRELES, 1994, p. 1367)

Do mesmo livro, citamos excerto do poema “O que me disse o morto de Pompéia”, poema de duas vozes, a do eu lírico, presente apenas no título, e a que ele escuta, a voz do morto, que se dispõe a relatar a experiência vivida quando do soterramento de Pompéia em 79 d.C pelas lavas do Vesúvio. O poema traduz a atitude do viajante atento a tudo que vê, querendo penetrar no passado, entrevistado em seus indícios, para capturá-lo e compreendê-lo:

Levanta-me da cinza em que me encontro,
Põe nos meus olhos o seu lume antigo!
Desdobra-me na boca a língua imóvel,
Ergue os meus passos, leva-me contigo!
Deixa a morte somente com a minha alma,
Para haver seu reflexo no que digo.

Andarei pela terra novamente,
- forma efêmera já desencantada –

recordando a tristeza que sabia,
provando de outro modo a dor passada,
ensinando a sentir o amor que morre,
e a amar todas as máscaras do nada.
(...)
Dize-me apenas se há quem possa ouvir-me!
Senão, deixa-me estar nas cinzas quietas. (MEIRELES, 1994,
p. 1363)

Esse viajante corresponde àquele que Cecília Meireles, com uma aguda percepção e sensibilidade, distingue do turista na crônica “Roma, turistas e viajantes”; é aquele que tem um olhar mais demorado sobre o que vê, projetando-se em tudo e andando a passos cautelosos:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada (...).

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e do futuro um futuro que ele nem conhecerá. (MEIRELES, 1999 a, p. 101)

O viajante olha para os prédios e monumentos e quer restituir suas formas primeiras, sepultadas no passado pelas alterações do tempo e dos homens, anelo que o turista não experimenta:

O turista fotografa as belas fontes de Roma e sente-se feliz, porque as leva consigo, no papel. (...) O viajante em Roma, (...) gostaria de mudar certas coisas, - mas para restitui-la aos seus antigos sítios: portas, colunas, estátuas que perderam seus edifícios, seus palácios, seus templos, seus pedestais, seus nichos, nessa grandiosa superposição de Roma, em que os séculos todos se abraçam e confundem.

O viajante, em Roma, sente-se perdido, cercado por essas sobrevivências que o solicitam, que se impõem ao seu pensamento, que exigem a sua atenção para velhíssimos pormenores de sua história. Que poderão elas dizer ao turista apressado, ao venturoso turista que passa por elas como as salamandras pelo fogo, sem se impressionar? O viajante olha as ruínas de Roma antiga, e já não pode dar um passo: elas o convidam a ficar, a escutá-las, a entendê-las. (MEIRELES, 1999, p. 103)

Sob vários aspectos, a viagem descortina modos de vida, alteridades, histórias particulares que revelam opções de vida, mas também revela histórias coletivas, tais como a dos povos submetidos à tirania dos governantes, a dos momentos de rebeldia da coletividade e a das formas de lidar com o sagrado e com o profano. À medida que desloca no tempo e no espaço, a travessia e a visão do outro permite ao viajante ques-

tionar seus próprios valores e modos de vida, podendo levá-lo à própria transfiguração, conforme observa Octavio Ianni:

A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. No longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu. Um eu que se move, podendo reiterar-se e modificar-se, até mesmo desenvolvendo a sua autoconsciência; ou aprimorando a sua astúcia.

(...) O viajante devaneia sobre a estrada e a travessia, o que vê e o que não vê, o que aprende e o que imagina que sabe, a aparência e a essência, o ser e o devir. Pode descobrir que na parte ressoa o todo, que o singular carrega a áurea do universal. *Esse o percurso em que se perde e encontra, forma e transforma. E pode até mesmo reencontrar-se, transfigurado em outro de si mesmo.* (IANNI, 1996, p. 12, grifamos)

Para o viajante, o afastamento de sua morada provoca, por um lado, uma sensação de desenraizamento, por outro, convida-o à reflexão. Nos devaneios propiciados pelo caminhar, surge a oportunidade de mergulho em si e de aprendizagens que despertam valores e conhecimentos adormecidos. Diante dos monumentos que preservam a memória do lugar, o viajante estabelece inesperadas relações consigo mesmo, descobrindo-se partícipe de uma história que parecia não ser a sua, mas que estava guardada nos arquivos mais recônditos de sua memória. Esses arquivos construiram-se através de leituras, de relatos de outros viajantes e de obras de arte. Os lugares de memória visitados guardam testemunhos, ainda que fragmentados, de vidas e ações humanas e suscitam respeito, ternura e movimentos da alma. Eis as reflexões do sujeito lírico do poema “Caminhante”, do livro *Poemas Italianos*:

Ando em ti, Roma de altos ciprestes e largas águas,
Como atrás de mim mesma,
Algum dia depois da minha morte.
(...)

Ando em ti, Roma dos altos sonhos e das largas ruínas,
Como depois de mim mesma,
Atrás de um outro destino.

Ando, ando, ando,
e sinto a extensão de meus antigos muros
e, com profunda pena,
escuto a longa tuba mitológica
derramando para nuvens efêmeras.

dispersas notícias atrasadas
de inútil Glória e possível Amor. (MEIRELES, 1994, p.1374)

No poema acima, o eu-lírico torna perceptível que o *dépaysement* suscita uma busca de si mesmo, podendo porventura abrir espaço para um “outro destino”, que está latente, espaço metaforicamente representado pela imagem da extensão de “antigos muros”. Ao mesmo tempo, trabalha com o significado simbólico do “andar”, presente na memória coletiva e projetada na peregrinação que os heróis dos relatos míticos e dos contos folclóricos incansavelmente empreendem na aparente busca de algo externo a eles, mas que, na verdade, leva ao alcance da maturidade e sabedoria. Trata-se de uma viagem iniciática, sobre a qual Marcel Brion tece reflexões ao estudar o tema no romantismo alemão: “A trajetória da vida, esta ‘trajetória do peregrino’ que instrui o homem sobre a natureza do universo e sobre sua própria natureza, que o conduz ao centro de seu ser, ou o projeta a todos os pontos circunferenciais de seu devir, acrescenta conhecimento e experiência, modifica e desencadeia metamorfose.” (BRION, 1977, p. 7)

Entre as viagens que Cecília Meireles realizou ao exterior, a viagem à Índia, realizada em 1953, foi a que mais tocou sua sensibilidade, conforme ela própria declara na entrevista a Pedro Bloch: “Na Índia foi onde me senti mais dentro de meu mundo interior. As canções de Tagore³, que tanta gente canta como folclores, tudo na Índia, me dá a sensação de levantar. Note que não visitei, ali, nem templos, nem faquires. Não é o exótico. É o espírito, compreende?” (*apud* BLOCH, p. 37) De Rabindranath Tagore, Cecília traduziu obras reunidas em edição comemorativa do nascimento do poeta, em 1961, pelo MEC, bem como a narrativa *Çaturanga*, para a coleção Prêmio Nobel de Literatura, da editora Delta, em 1962. A afinidade com o escritor indiano revela-se na “Cançãozinha para Tagore”, dos *Poemas escritos na Índia*:

Àquele lado do tempo
Onde abre a rosa da aurora,
Chegaremos de mãos dadas,
Cantando canções de roda
Com palavras encantadas.
(...)
Chegaremos de mãos dadas,
Tagore, ao divino mundo
Em que o amor eterno mora
E onde a alma é o sonho profundo
Da rosa dentro da aurora.

³Cecília Meireles comenta sobre a circulação dos poemas de Tagore na Índia na crônica “Canções de Tagore”: E essas canções circulam pela Índia toda, de tal maneira o poeta estava identificado com a sua terra. Talvez muita gente nem saiba de quem é a canção que está cantando, aqui e ali, na imensidão da Índia. Mas todos encontram nas suas palavras a expressão da sua vida. (MEIRELES, 1999b, p. 258)

Chegaremos de mãos dadas
Cantando canções de roda.
E então nossa vida toda
Será das coisas amadas. (MEIRELES, 1994, p. 735)

Santiago Kovadloff, referindo-se à publicação desses *Poemas*, observa que a “comunhão do homem com a natureza é ali arquetípica”, havendo uma alta correspondência entre a paisagem natural e o ser humano. Assinala, ainda, o filósofo, “que se trata de uma obra cuja fruição dos valores propugnados pelo ideário de Cecília Meireles é intensa, celebrando a Índia como lugar de aliança plena, quase sensual, entre o secular e o sagrado”. (KOVADLOFF, 1987, p.59). O trecho, a seguir, da crônica “Índia florida” expressa essa comunhão delicada da viajante com a paisagem indiana e as lições da natureza que a observadora recolhe no ato contemplativo

No fim das alamedas, o jardim se arredonda, abraçando a água represada. As flores elevam-se em toda a volta, formando um policromo anfiteatro. Param todos os passos, e os olhos perdem-se nesta moldura delicada, feita de beleza momentânea, que brilha apenas um dia, mas nesse dia consola o copioso tempo da existência humana.

Quem se sentar aqui, em solidão, ouvirá, certamente, as flores conversarem; e que lições recolherá, do mundo vegetal, para os desvairados alunos humanos? *Aceitação*: consente em estar cativo na terra. *Sonho*: há luz, sol, estrelas, - porém muito longe. *Bondade*: teu doce mel é para as abelhas (que ferem). *Disciplina*: quando a Primavera ordena, vem-se, - não importa para quê. *Humildade*: que nome temos? Ignoramos. *Renúncia*: quando o vento quiser, leva-nos. *Constância*: em qualquer solidão, o mesmo perfume. *Coragem*: as primaveras se sucedem, embora com outras flores. *Esperança*: a eternidade não está na corola, mas na semente. (MEIRELES, 1999a, p 209-10, grifamos)

Afora a alusão a personalidades da Índia, como Tagore e Mahatma Gandhi, destaca-se no repertório dos Poemas a atitude contemplativa do eu poético, atento a tudo que compõe o universo cultural do país, como a figuras do povo indiano realizando o seu trabalho, a presença dos animais no cotidiano dos homens (búfalos, elefantinhos, jumentinhos, cavalinhos de Delhi), a flora local (Romãs, campos, flores de ervilha,

tamareiras), e os monumentos, como Taj-Mahal. Nesse, o eu poético capta a inapreensível eternidade que emite sua cifrada mensagem àqueles cujo entendimento é fruto de um exercício constante de busca do significado que se situa além das formas, embora nelas esteja ancorado, e de escuta da palavra dos mortos, sobretudo a da “rainha adorada”, cuja imperceptível presença repercute no ar do imenso monumento funerário na cidade de Agra, imerso no silêncio:

Somos todos fantasmas
Evaporados entre água e frondes
Com o luar e o zumbido do silêncio,
A música do silêncio,
Gaze tensa na solidão

De vez em quando, um borbulha d’água:
Pérola desabrochada,
Súbito jasmim de cristal aos nossos pés.
(...)
Tudo como através de lágrimas,
Com as bordas franjadas de antiguidade
De indecisos limites
E um vago aroma vegetal, logo esquecido.

Tudo celeste, inumano, intocável,
subtraindo-se ao olhar, às mãos:
fuga das rendas de alabastro e dos jardins minerais,
com lírios de turquesa e calcedônia
pelas paredes;
fuga das escadas pelos subterrâneos.
E os pés naufragando em sombra.

Eis o sono da rainha adorada
Longo sono sob mil arcos, e eco em eco.
(Fuga das vozes, livres de lábios, independentes,
continuando-se...)

(...)
*Entre a morte e a eternidade, o amor,
Essa memória para sempre.*

Foi um borbulha d’água que ouvimos?
Uma flor que desabrochou?
Uma lágrima na sombra da noite,

Em algum lugar? (MEIRELES, 1994, p. 736-7, grifamos)

Os poemas citados acima delineiam a atitude do “viajante imóvel”, descrito por Cecília Meireles na crônica “Roma, turista e viajante”; aquele se detém diante do que vê, comovendo-se compenetrado, “procurando entender dentro de si o que é sonho e o que é verdade”. É “uma pessoa sem data e sem nome, na qual repercutem todos os nomes e datas que clamam por amor, compreensão, ressurreição” (MEIRELES, 1999b, p. 104). A atitude de imobilidade diante do que contempla, bem como o sentimento de pertença à história que vislumbra entre os monumentos e ruínas, faz como que se pergunte no poema “Lei do passante”, na abertura dos *Poemas escritos na Índia*: “Chega?... Passa?... Volta?”. Esse “Passante” é “quase enamorado, / pelos campos do inverdadeiro, / onde o futuro é já passado...” (MEIRELES, 1994, p.699).

É assim que, em Cecília Meireles, a viajante faz-se poeta e cria a partir da experiência da viagem um lugar de memória – o poema – tal como Campagnon designa certos livros, entre os quais os que compõem a *Recherche du temps perdu*, de Proust. Segundo esse crítico, a literatura é um lugar de memória privilegiado, que “nos ajuda a pensar a memória de um modo diferente do modelo da história” (COMPAGNON, *apud* NORA, v. 13, p. 3868).

BIBLIOGRAFIA

- BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 630, p.34-7, maio, 1974.
- BRION, Marcel. *L’Allemagne romantique: le voyage iniciatique* – I. Paris, Albin Michel, 1977
- COMPAGNON, Antoine. La “Recherche du temps perdu” de Marcel Proust. In: NORA, Pierre. (dir.) *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1997. v.3. (Quarto)
- IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: *Revista de Cultura*, Petrópolis, Vozes, v. 2, p. 3-19 mar./abr. 1996. p.12
- HILLMAN, James. *Cidade & alma*. São Paulo, Studio Nobel, 1993 (Cidade aberta) p.39 (grifamos)
- KOVADLOFF, Santiago. Cecília Meireles: entre lo secular y lo sagrado. In: _____. *Los poderes del poeta. Poesía y sociedad en el Brasil del siglo XX*. Madrid, Ediciones de Cultura Hispânica, 1991.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999a.(Obra em prosa)

- ____. *Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999b.(Obra em prosa)
- ____. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- MELLO, Ana Maria Lisboa. Viagem aos confins da noite. In: *Poesia e imaginário*. Porto Alegre, PUCRS, 2002.
- NORA, Pierre. (dir.) *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1997. 3 vol. (Quarto)
- ____. “Entre mémoire et histoire” In: NORA, (dir.) *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1997. v.1 (Quarto)
- STAIGER, Emil. O estilo lírico. In: *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.